SERMAM
DO
SABBADO SEXTO
DA QVARESMA,

Que prégou

NO CONVENTO DE NOSSA Senhora da Graça em as Completas que nelle ſolennemente ſe fizeraõ,

O P. M. Fr. CHRISTOVAM D'ALMEIDA, Calificador do S. Officio, Lente de Prima de Theologia no Collegio de S. Agoſtinho deſta Cidade de Liſboa, & Biſpo de Targa.

EM LISBOA.

Na Officina de IOAM DA COSTA.

A cuſta de Domingos Carneiro mercador de Liuros.

M. DC. LXXI.

Com todas as licenças neceſſarias.

THEMA.

Cogitauerunt autem Principes Sacerdotum, vt & Lazarum interficerent. Ioan. 12.

REpresentauaſeme a mi, que sô em os fauorecidos do mundo, auia hũs que foſſem venturozos, & outros que foſſem deſgraciados: mas tambem parece que nos fauores, que faz o Ceo, ha vẽtura, & ha deſgraça. Deu Chriſto a vida ao filho da viuua de Naim, mouido das lagrimas da may, & viu eo ſem que por iſſo ſe intẽtaſſe darlhe a morte. resuſcitou o meſmo Senhor a Lazaro morto de quatro dias, & como ſe o tornar a viuer sô em Lazaro fora delito ſe ajũtou logo a corte de Ieruſalẽ, & tratou de lhe tirar a vida. *Cogitauerunt autem Principes Sacerdotũ, vt & Lazarũ interficerent.* Bem digo eu logo, que tãbem nos fauores, que fas o Ceo ha dita, & ha deſgraça. Viueo o filho da viuua de Naim reſuſcitado por Chriſto, mas naõ ſuccedeo aſſi na reſurreiçaõ de Lazaro, porque o meſmo foi receber de Chriſto a vida, que fazeremſe logo conſelhos para ſe lhe dar a morte.

n. 1

Luc. c. 7.

Ioan. c. 11.

E ſe entaõ ſe lhe preguntara aos principes de Ieruſalẽ autores deſte conſelho taõ injuſto, que crimes cometera Lazaro pera morrer, porq̃ culpas trataaõ de o matar? Responderiaõ q̃ naõ morria Lazaro por culpas, q̃ morria por conueniencias, que era razaõ de eſtado, que Lazaro morreſſe, porque muitos dos Iudeos vendoo reſuſcitado deixauaõ a Moyſes, & ſeguiaõ a Chriſto: deu por elles a repoſta S. Ioaõ. *Quia multi propter illũ abibant ex Iudæis, & credebant in Iesũ.* He mui ordinario, & mui antigo coſtume eſte nas cortes do mundo, fazerẽſe ſem rezoẽs, por amor de hũa razaõ de eſtado: por hũa rezão, ou pera falar mais propriamẽte, por hũa

n. 2

ſem

sem rezão de estado deu Dauid a morte a Vrias, por outra sem rezão de estado tirou Herodes a vida ao Baptista, & foy hũa, & outra acçaõ tão tiranica como injusta. Morreo Vrias na guerra, porque se naõ descobrisse hũ pecado de Dauid. *Poni e Vriam vbi fortissimum est prælium* Acabou o Baptista no carcere, porque se naõ quebrantasse hũ iuramento de Herodes: *Et contristatus est Rex propter jusiurandum* : Hũa, & outra morte se deu por duas rezoens de estado, mas em cada hũa se fez hũa semrezaõ.

Reg. 2 cap. 11.

Luc cap. 6

N. 3. Senaõ digaõ me ami, que semrezaõ mayor pode auer no mũdo, que castigar o offensor ao offendido? que tirania mais injusta, que morrer Vrias por hũ decreto de Dauid, por se naõ descobrir o peccado, q̃ Dauid taõ arrojadamente cõmetera? & que maior injustiça, que degolarse o Baptista por hũ decreto de Herodes, por naõ violar Herodes o juramẽto, q̃ inconsideradamente fizera? Mas como he rezaõ de estado, q̃ naõ se descubraõ as culpas, nem se quebrem os juramentos dos Reys, ha esta de conseruarse, ainda q̃ pera fazelo se cometaõ injustiças, & se fazaõ semrezoẽs; por isso vemos tãtas vezes no mũdo castigada a innocẽcia, & disimulado o delito. Com estes exemplos, ou com estas semrezoens se infamarão as monarchias do mũdo em todos os seculos nos passados, & nos prezentes, bem poderei tambem assegurar com toda a certeza q̃ assi sera nos futuros, porque alem de o mũdo ser sẽpre o mesmo, difficultosamente se cura hũ mal taõ velho em quãto mais q̃ mal pode elle buscar remedio, pera aquillo em que se persuade que està a sua conseruaçaõ

N. 4. E assi como he taõ antiga rezaõ de estado do mũdo, cõseruar cõ sem rezoẽs as suas rezoẽs de estado q̃ muito q̃ morresse Vrias sem culpa? Que muito q̃ se degollasse o Baptista sem justiça, se com a morte de Vrias se encobria hũ peccado de Dauid, & com a vida do Baptista se quebrantaua hũ juramento de Herodes, quando era rezam de estado que nem de hũ (porq̃ eraõ Reys) se soubesse a culpa, nem de outro se quebrantasse o juramẽto. E suposto este a chaque tam ordinario, supposto este costume taõ antigo das cortes do mundo, nam nos pode pode a nos ja cauzar espanto, os intentos dos Iu-

Iudeus neste conselho: *Cogitauerumt autem Principes Sacerdotum, vt & Lazarum interficerent.* Verdade he q̃ Lazaro naõ tinha commetido culpa, pella qual merecesse a morte, mas como os grãdes da Corte de Ierusalẽ entẽdiaõ que era rezaõ de estado o conseruarse Iudea na Ley, em que te entaõ tinha viuido, & naõ conhecer a Christo pello Messias esperado, & estauão vendo q̃ naõ poderiaõ conseguir os effeitos desta conseruação se naõ tirassem a Lazaro dos olhos do mundo, porque muitos dos Iudeos q̃ o viraõ morto, & o viaõ despois resuscitado por Christo taõ prodigiozamente; como foy restituilo a vida depois de quatro dias de sepultura, como muitos dos Iudeos (digo) conuencidos com este milagre cõfessauaõ publicamẽte q̃ Christo era o Messias prometido nas Scripturas, & como a tal o seguião. *Quia multi propter illum abibant ex Iudæis, & credebant in Iesum.* Pera euitar este dano (na sua opiniaõ) fazem hoje este conselho, & intẽtão dar logo a morte a Lazaro. Esta he a cauza total este o fundamẽto to do q̃ os grãdes de Ierusalẽ tiuerão pera fazer este conselho sobre Lazaro: outro motiuo apontaõ os expositores fundados nesta rezão do Euangelista: Este com as circunstancias do cõselho deixo pera o discurso do Sermão: pera o q̃ tenho necessidade de graça peçamola A V.S.N. offerecendolhe a oração Angelica Aue maria,

Maldonat. hic, & alij

§ 1. Hontem se fez hũ conselho sobre Christo injusto no intẽto, & na resolução tyranico: hoje se fis outro conselho sobre Lazaro o qual não foy injusto na resolução se foy tyranico no intento: não sei se parecera nouo este modo de dizer, mas se ami me não engana a imaginaçaõ, cuido q̃ he mui fundado no Euangelho. Dice que fora o conselho q̃ sobre Lazaro se fez tiranico no intento, porque nimguẽ poderà negar, que era grande tyrania querer dar a Lazaro a morte so por ter sido ditozo: dice tambem q̃ não fora injusto na resoluçiõ, porque quanto ao que se pode collegir do Euãgelho, não se resolueo, nem se asserou hoje q̃ Lazaro morresse. E toda a rezão em que me fundo he esta que direi logo. porq̃ do Euãgelho não cõsta mais q̃ proporẽ os grandes de Ierusalem

Ioann. cap. 11. n. 5.

rusalem em conselho o darem a Lazaro a morte: *Cogitauerunt autem principes Sacerdotum vt & Lazarum interficerent,* mas não consta nem que buscasse a Lazaro pera o prender (como fizerão a Christo) nem que o chegassem a matar. Euidentemente parece que se infere logo q̃ foy a resoluçaõ muy differente do intento. E confirmo ainda mais esta rezão, cõ o que succedeo a Christo, porque por isso derão os Iudeos a morte a Christo, por q̃ se resolueo no cõselho q̃ sobre elle ajuntarão, que era conueniẽte que morresse Christo: *Ab illo ergo die cogitauerunt vt interficerent eum.* Logo por isso não derão a morte a Lazaro, porque se naõ assentou no conselho que sobre elle fizeram, que era justo que morresse Lazaro: parece logo verdadeiro modo de dizer ainda que se julgue por nouo que naõ foy o conselho de Lazaro injusto na resolução, se foy tyranico no intento, não foy injusto na resolução, porque se não resolueo hũa injustiça, & foy tyranico no intento porque se intentou hũa semrezam.

Ioann. cap 11.

n. 6.

§ 2 Supposto pois que no conselho q̃ se fez hõtem se resolueo que morresse Christo, & no conselho q̃ se fez hoje se não assentou que morresse Lazaro, ja se deixa ver a rezão de duuidar. Se os grandes de Ierusalem intẽtaraõ matar a Christo, & intẽtaraõ matar a Lazaro, se pera hũa, & outra morte fizerão dous conselhos, que rezão podera auer pera que do primeiro conselho fosse a resolução taõ tyranica, & deste segundo conselho não seja injusta a resolução. Hora eu darei a rezão tirada do Euãgelho; porq̃ no cõselho q̃ se fez sobre Christo resoluerão sem cuidar, & no cõselho q̃ se fez sobre Lazaro cuidarão pera resoluer, aqui votou o entẽdimento, & acolà votou a võtade. Que no conselho de Lazaro votasse o entendimento, não necessita de proua, porque o mesmo Euangelho o està dizendo. *Cogitauerunt autem.* Cuidar, acto he do entendimento E que no conselho de Christo votasse a vontade dos Iudeos, me parece a mi que se mostra com euidẽcia do modo de falar do Euangelista: *Collegerunt ergo* (diz S. Ioão) *Pontifices, & Pharisæi concilium aduersus Iesum.* Que os Pontifices, & Phariseos se ajuntaraõ em cõselho con-

Ioan. cap 11.

cõtra Christo: *Aduersus Iesum*: não dice o Euangelista que fizeraõ os Iudeos hum conselho sobre Christo, que esse era o mais acertado,& o mais propio estilo de dizer contar primeiro o que intentaram, entam depois contar o que resoluerão, senão disse que se ajũtarão em cõselho contra Christo: de sorte que ja se estaua vẽdo dãtes, o que se auia de resoluer depois: depois auiase de resoluer que morresse Christo,& isso se via ja antes, q̃ se resoluesse. *Aduersus Iesum.* E nos conselhos adonde se ve a resoluçam antes que se veja a proposta, ou a justiça està muy euidente, ou as vontades dos que votam estam muy apaixonadas: nam era, nem podia ser euidente a justiça que os grandes de Ierusalem tinhão, pera tratarem de matar a Christo; porque dar a vida a mortos, restituir a vista a cegos,& curar enfermos, se se vira cõ os olhos da rezão não podia ser crime, antes virtude: bem se infere logo que o verse a resolução dos Iudeos logo quãdo se fazia o cõselho: *Collegerũt concilium aduersus Iesum,* q̃ se não nacia de estar a justiça euidente da parte dos Iudeos, que nacia de estarem as vontades empenhadas na morte de Christo. E se isto assi he, se neste conselho votaram vontades, que muito que a resolução fosse tyranica,& se no conselho de Lazaro votarão entẽdimẽtos. *Cogitauerunt autem.* Que muito que não fosse injusta a resolução. Os conselhos adonde vota a rezão sẽpre foram muy acertados, mas aqueles adonde vota a vontade sempre foram muy injustos: & a rezão està muy euidente, porq̃ como quer que os conselhos se ordenão principalmente nas monarchias, pera castigar delitos,& pera premiar merecimentos, como poderà ver a võtade a quem he justo que se dẽ o premio, nem a quem he bem q̃ se dè o castigo, se a fez sem olhos a natureza? Quãto mais, que dado que se podera votar sem ver (que fora hũa grande injustiça) ainda a vontade ficaua incapaz pera votar, o porque, eu o direi, porque em a nossa vontade ha dous affectos, hũ de amor, outro de odio (falo de quãdo vota a vontade sem que se sogeite a rezão) & nem o odio nem o amor forão nunca bons pera conselheiros: vamos primeiro ao amor então logo viremos ao odio.

Todos

n. 7.

¶ 3 Todos os expositores conuem em que aquellas palauras q̃ disse o Padre Eterno, quãdo quis fazerà Adão *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Forão hũa cõsulta q̃ fizera, & hũ voto (digamolo assi,) & hũ voto q̃ pedira: nisto concordão todos, mas tãbem disconcordaõ nisto, em quẽ fosse a pessoa a quem o Eterno Padre consultara: Diceram os Rabbinos, q̃ consultara aos Anjos, mas impugnase esta sua opinião mui facilmẽte, porq̃ a Sabedoria superior, qual era a de Deos naõ auia de consultar a Sabedoria inferior qual era a dos Anjos: pois aquẽ cõsultou logo Deos pera fazer o homẽ? Diceo vẽturozamente S. Ioão Chrisostomo (digo vẽturozamẽte porque he a opinião mais seguida) *Quis est igitur hic ad quẽ inquit faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram, nisi ille magni concilij Angelus, ille admirabilis consiliarius vnigenitus filius Dei.* Quem he este (dis Chrisostomo) aquẽ cõsultou o Eterno Padre na creação do homẽ, senão aquelle Anjo do grande conselho seu Filho Vnigenito? Esta solução he entre os expozitores a mais seguida, mas não deixa de parecer difficultoza, senão vejão se ha grande fundamento, pera padecer muita difficuldade: Difficulto assi: O Spirito S. não he igualmẽte sabio cõ o Verbo? Não são em todas as tres diuinas pessoas os attributos os mesmos? asi no lo ensina a Theologia, & assi nolo obriga a crer a fé: Pois se isto assi he, se a terceira pessoa he tão sabia como a segunda, cõ que fundamento dice S. Ioaõ Chrisostomo que cõsultara o Padre Eterno pera fazer a Adão mais ao Filho, q̃ ao Spirito S.? Ou pello menos se ambos tẽ a mesma Sabedoria, porque não dice que os consultara a ambos? Querem ver o fundamento que teue o S. pera dizer que consultou o Padre Eterno mais ao filho, que ao Spirito S? pois he este, porque a formalidade do Filho he ser Sabedoria, & a formalidade do Spirito S. he ser amor, que assi lhe chamão os Theologos: Sabedoria ao Filho, porque procede do entendimento: amor ao Spirito S. porque procede da võtade, & como isto assi he, como aquella materia era de cõselho, & os cõselhos de Deos são sẽpre bẽ ordenados, claro està que nel- te

D. Tho. alii Th. Scot. Suar. Vasq. & omnes.

està que neste cõselho. *Faciamus hominem*, que não auia de votar o amor, que só auia de votar a rezão, porque o amor não he bõ pera dar votos nos cõselhos: *Quia Dei filius ex proprio caracthere Verbũ, & ratio est? Spiritus Sanctus vero non est ratio sed amor, adspectu ergo ad humanam conditionem non dicit amorem fuiße ad consultationem adscitum Dei Verbum, & rationem*, dice agudamente hũ expositor graue.

P. Celad de benedict. Patriarc. benedict. 1. de Adamo, & Eua. §. 80. n. 3.

n. 8.

24 Naõ consulta Deos em a creaçaõ do homẽ a seu amor sendo assi, que se alguem podera consultar seu amor, era sò Deos, porque como este em si seja perfeitissimo, não pode deixar de querer o que for justo, mas como o votar he hum acto de entender, pedir votos à vontade he fazer hũa injustiça à rezaõ, & hũa violencia à natureza, & Deos não costuma fazer violẽcias, nem sabe fazer injustiças. Viraõ ja como o amor, que he hum dos actos da vontade, naõ he bom pera conselheiro, pois menos o odio: E a rezaõ està muy clara, porq̃ se por isso não he justo o voto dá affeição, porque dara o premio a quẽ muitas vezes merece o castigo, por isso sera tambem injusto o voto do odio, porque dara o castigo a quẽ merecer o premio, & com esta particularidade ainda, que mais efficaz he o odio pera fazer mal, q̃ o amor pera fazer bẽ, mais facilmẽte se inclina a vontade a fazer mal a quẽ aborrece, do que a fazer bẽ a quẽ ama. Do Inferno dõde estaua o rico auarento atromẽtado vio a Lazaro em o Ceyo de Abrahão fauorecido, a Lazaro, aquelle a quẽ tãto aborrecera no mũdo, & tãto q̃ o vio pedio logo efficasmẽte a Abraham, q̃ o mandasse ao inferno aliuialo daquelle incẽdio em q̃ se abrazaua: *Pater Abram mitte Lazarum, vt intingat extremum digiti sui in aquam, vt refrigeret linguam meã, quia crucior in hac flamma*. Repara muito S. Pedro Chrisologo, em que o auarento não pedisse a Abraham, que o leuasse a donde estaua Lazaro, não que mandasse a Lazaro que decesse a donde elle estaua: *non se ad Lazarũ* (dis Chrisologo) *duci postulat, sed ad se Lazarum vult deduci*. Sendo assi, que alẽ de ser tão difficultoso o decer hũ bẽauenturado ao lugar do tormento, como subir hũ condenado ao lugar do descanço,

Luc. cap. 16.

Pet. Chr. sol. serm. 113.

melhor era pera o Auarento subir donde estaua Lazaro, que o decer Lazaro adonde elle estaua: Pois se isto assi he, se o Auarento via que era igual a difficuldade, & mayor a conueniencia de elle subir, que de Lazaro decêr, porque não pede a Abraham, que o leue ao Paraizo, senão que mande a Lazaro ao inferno? *mitte Lazarum.* A solução, que a esta difficuldade deu o grande Arcebispo de Rauena, he que fez o auarento nesta forma a petição, porque como aborrecia muito a Lazaro, mais o atormẽtaua o ver a Lazaro em glorias, que o verse asi em penas, menos sentia os incendios em que se via abrasar, do q̃ as felicidades que via a Lazaro possuir: *Ideo, quod agit diues non est nouelli doloris, sed liuoris antiqui, & zelo magis incenditur quam gehenna.* esta he a soluçaõ de Chrisologo, mas com licença de tão grande Padre, venerando esta rezaõ por sua, darei eu agora a minha cõ algũa nouidade, se me naõ engana a imaginação. Pedio o auarento a Abraham mais, que mandasse Lazaro ao inferno aonde elle padecia, doq̃ o leuasse a elle ao Parayso adonde Lazaro estaua, porque como quer que em tirar a Lazaro do Ceo, fazia o auarento mal a Lazaro, & em se sair do inferno se fazia bẽ asi, escolheo antes o auarento fazer mal a Lazaro aquẽ aborrecia, do que fazerse bem a si proprio, a quem amaua, & por naõ ver a Lazaro ditozo entre glorias, deixase viuer atormentado entre penas. De crer he q̃ menor fosse o odio, q̃ o auarento tinha a Lazaro, do que era o amor com que se amaua à si, com tudo pode mais com elle o odio de Lazaro pera tratar de seu mal, do que pode o amor proprio pera tratar de seu bem: Tal he a inclinação da vontade humana, mas que injusta, & que escandalosa!

Chrisologo supra citat.

n. 9.

§ 5. Esupposta esta injusta inclinação da nossa võtade, agora acho eu a soluçaõ a hũas palauras de S. Ioão, que foraõ todo o arrezoado do conselho, que se fes hontem: *Quid facimus quia hic homo multa signa faci?* Diceraõ em a junta que fizeraõ sobre Christo, os Pontifices, & Phariseos de Ierusalem, que fazemos que naõ matamos este homẽ? E porque? Porque fas muitos sinais; boa rezaõ, querem dar a morte a Christo,

Ioann. c. 11.

Christo, porque faz sinaes, assinalaiuos vós entre os outros, que logo trataraõ de vos tirar do mundo; mas vamos à difficuldade. Que sinais seraõ estes, porque querem dar a morte a Christo? Eu o direi: dà vida a mortos, saude a enfermos, vista a cegos, & finalmẽte he o remedio vniuersal, & o Medico soberano de toda Iudea. Pois gente ingrata, condição injusta, porque Christo vos remedea, porque Christo vos cura, o quereis matar? Antes parece, que porque elle fazia estes sinais, hauieis vós de fazer conselhos pera assentar o modo cõ que lhe poderieis cõseruar a vida. Mas facil està a reposta: aborreciaõ os Iudeos muito a Christo; & como o aborreciaõ muito, pode mais com elles o odio q̃ lhe tinhão pera tratar de seu mal, do que pode o amor proprio pera tratar de seu bem. He verdade (diziaõ elles) que este homẽ nos remedea, mas cõ tudo ha de morrer; antes nòs naõ queremos remedio, que velo a elle cõ vida. E se a võtade se inclina mais facilmẽte a fazer mal a quẽ aborrece, que a fazer bẽ a quem ama, como vimos nos Iudeos pera com Christo, & no auarento pera com Lazaro, & não he bom o amor pera cõselheiro, claro fica que menos o serà o odio: naõ pòdem logo ser justos os intentos, nem acertadas as resoluçoẽs, adõde a vontade entra a votar apaixonada, ou amando, ou aborrecendo, porque quem votar coma affeição, dará muitas vezes o premio a quem merece o castigo, & quem votar cõ o odio, darà o castigo a quem està merecendo o premio, porque nẽ o amor sabe ver delitos, nem o odio merecimentos. Em a Corte de Athalarico disse o politico Cassiodoro, que se julgaua conforme aos merecimentos de cada hum, porque em seus cõselhos naõ votauaõ nem o odio, nem a affeição: *Electio nostra de meritis venit, non enim quidquam aut amore, aut odio, aut pellecti aliqua gratificatione decernimus.* De sorte, que dauaõ a cada hum o que merecia, porque nem o odio, nem a affeição julgaua. Bem se infere logo, q̃ não pódem ser justas as resoluçoens adonde a vontade entra a votar apaixonada, ou amando, ou aborrecendo. Mas q̃ grande felicidade he de hũ Reyno, que grande ventura de hũa Monarchia

Cassiodor. var. Ep. 77.

narchia

narchia ter em seus conselhos quẽ vote conforme aquillo que a rezaõ lhe dita, & não conforme aquillo que a vontade lhe pede! Que justas que serão as resoluçoens, as ordens que acertadas, & o Reyno como se conseruarà seguro! Em os conselhos serem bem ordenados, està cifrado todo o bẽ, & toda a conseruação de hum Reyno, porque como os conselhos saõ os polos sobre que se fundaõ as Monarchias, & a rezão he a basi, sobre que assentão os conselhos, tanto que se desconcertar a armonia, tanto que se peruerter a ordem da natureza, tanto que o entẽdimento se sogeitar ao que quer a vontade, & não a vontade ao que decreta o entendimento, logo os conselhos não pódem ser bem ordenados, nem as Monarchias estar seguras. Senão digaõme a mim, qual foi a causa porque se acabou tão depressa o Imperio de Nabuco, aquelle Reyno tão dilatado no poder, & na arrogancia, que se prometia dominar o mundo facilmẽte? nenhũa outra cousa mais que votos da vontade, assi o diz a Scriptura: *Quos volebat, interficiebat, quos volebat, percutiebat, quos volebat exaltabat, quos volebat humiliabat.* E hũ Reyno adonde votaua a võtade, hũa Monarchia adõde gouernaua o querer, era impossiuel que se podesse conseruar: ô quãtos padecerião innocẽtes! ô quantos se premiarião culpados! mal podia logo estar segura a conseruação de hũ Imperio, adonde era tão tyranico o gouerno. Tão importantes como isto saõ nos conselhos os votos do entendimento, & tão perjudiciaes os da võtade, que naquelles tẽ as Monarchias a sua cõseruaçaõ, & nestes a sua ruina. Se Christo tomára aquelle conselho, que hũa hora lhe deu S. Pedro affeiçoado, quando se vio entre as glorias do Thabor fauorecido: *Domine bonũ est nos hic esse*; voto nacido da vontade, & naõ do entendimento: *nesciens quid diceret*, que se seguia d' ahi? que? naõ menos q̃ ficar o mũdo sem redẽpção, & Christo sẽ Reyno: não importa menos que hum Reyno, o não seguir hũ voto apaixonado.

Daniel 5.

Math. 17.

n. 10.

§ 6 Aduirtão logo os Principes, & os Monarchas do mũdo, que se quizerem ver seguras suas Monarchias, que nam admitão em seus conselhos aquelles, cujas resoluçoens pódem

dem naſcer dá vontade, & não do entendimento: mas quẽ ſerão eſtes, (agora direi os que não he juſto que ſe admitão, & depois os que he acertado que ſe eſcolhão;) quem ſaõ eſtes que os Principes não hão de admittir em ſeus cõſelhos? Eu o direi em duas palauras: nem os muito validos, nem os pouco fieis, porque hũs, & outros hão de votar com a vontade, os validos com a affeição, & os traydores cõ o odio. Là ſe aconſelhou hũ hora Chriſto ſobre o modo cõ q̃ hauia de ſuſtentar aquella turba, que o ſeguia no deſerto, & não ſe aconſelhou porque neceſſitaſſe de conſelho, que elle ſabia mui bẽ o que hauia de fazer. *Ipſe enim ſciebat quid eſſet facturus*, ſenão pera enſinar aos Principes do mundo com ſeu exemplo: & a quem Chriſto pedio o conſelho, foi a S. Phelippe: *Dixit ad Philipum; vnde ememus panes vt manducent hi?* Mas parece na verdade, que ſe Chriſto queria enſinar aos Principes a tomar conſelhos, que o hauia de pedir, ou a Iudas, ou a Ioão: a Ioão porque era o mais entendido, & a Iudas, porque naquella materia era o mais experimentado, & os conſelhos a quem ſe hão de pedir ſenão, ou aos experimentados, ou aos entendidos? Digo, que Iudas he o que tinha mais experiencia neſta materia, porque como elle trazia a bolſa, & a materia era de compra *vnde ememus*? parece que a elle ſe deuia a conſulta: pois ſe aſſi o eſtà ditando a rezão, porque o não fez Chriſto aſſi? porque não pede o conſelho, nem a Iudas, nẽ a Ioão, ſenão a Phelippe? O porque foi a S. Phelippe veremos depois, & o porque não foi a Iudas, nem a Ioão veremos agora. Sabem porque? porq̃ Ioão era valido, & Iudas era traydor, & como Chriſto ſe acõſelhaua, não porque neceſſitaſſe de conſelho, ſenão pera enſinar aos Principes do mundo, não quiz fazer ſeus cõſelheiros, nem ao traydor, nem ao valido, pera que os Principes não admitão em ſeus conſelhos, nem aos validos, nem aos traydores; porque de hũs, & outros ſaõ arriſcados os votos, & ſoſpeitoſas as reſoluçoens: do valido, porque como vota com a affeição que tem ao Principe, aconſelharlheha o q̃ lhe eſtà melhor pera o goſto, mas peor pera a conueniencia

Ioann. 9.

Ioan. 6.

(porque não houue valido no mundo que não trataſſe de falar muito à vontade do Rey,) & o traydor como vota cõ odio que tem ao Principe, tratarà de o deſtruir com o ſeu conſelho. Eſtes ſaõ principalmente os que os Principes não hão de admitir em ſeus conſelhos, quais ſejão os que pera elles hão de eſcolher, veremos logo no outro diſcurſo; & como nos conſelhos ſe proceder deſta maneira, como não houuer conſelheiros que votem apaixonados, como votar o entendimento ſogeitando a ſi a vontade, & não votar a võtade leuando apos ſi o entendimẽto, logo ſerão acertadas as ordens, logo ſerão juſtas as reſoluçoens, logo ſe não farão injuſticas, que por iſſo foi tyranica a reſolução que ſe tomou hontem em o conſelho, que os Iudeos fizerão contra Chriſto, porque votarão nelle as vontades, & por iſſo não foi injuſta a reſolucão q̃ ſe hoje tomou, ſobre a morte de Lazaro porque votàrão os entendimentos: *cogitauerunt autem.*

n. 11. ¶ 7. *Principes Sacerdotum:* pareciame a mi, & aſſi era bem que foſſe, que pera eſte conſelho que ſe fazia ſobre Lazaro, ſe ajuntaſſem os mais ſabios, & os mais entendidos de Ieruſalem, porém não foi aſſi, os que ſe ajuntarão forão os mais poderoſos: *Principes Sacerdotũ*: mas ajuntàraõſe eſtes, porque eſtes eraõ os conſelheiros de Iudea: & porque eraõ eſtes os conſelheiros? eu o direi: porque? porque erão os poderoſos, jà entaõ parece que ſe praticaua eſta rezaõ de eſtado, que agora ſe vſa tanto no mundo, darem os cargos a quem tinha os titulos: *Principes Sacerdotum*, & não a quẽ tinha as experiencias, fazeremſe conſelheiros os poderoſos, & não os experimentados, como ſe o votar tiuera algũa cõueniencia com o poder, mas eſta he a condição injuſta das Cortes do mundo, darem aos grandes da fortuna, & não aos grandes do merecimento. Que bem eſtaua neſta verdade Ioſeph o ViceRey do Egypto: Mandou elle dizer a ſeu pay Iacob, que ſe vieſſe de Paleſtina pera o Egypto, porque jà o Rey lhe tinha dado licença, mas fezlhe eſta aduertencia notauel: *Nec dimittatis quicquam d. ſupellectili veſtra, quia omnes opes Ægypti veſtræ erunt*: aduerti que tragais de là tudo

Gen. 45.

tudo quanto tendes, porque logo cà no Egypto tereis tudo: não parece boa a rezão, trazei tudo, porque cà tereis tudo? não tragais nada (parece que hauia de dizer) não tragais nada, porque cà tereis tudo: mas falou discretamente Ioseph: porque como Iacob vinha então pera a Corte, não teria nella nada, ainda que por ser pay o merecesse, se de là não trouxesse muito: era necessario vir rico, & vir poderoso de Palestina, pera lhe porẽ os olhos no Egypto, porq̃ nas Cortes do mundo ordinariamente se não poem os olhos senão nos poderosos, & nos ricos, não se dà a quem merece, senão a quem tem, & a quem póde: *Principes Sacerdotum.* Que isto se praticasse nas rendas, nos cargos, & nos postos, de q̃ não depende a conseruação das Monarchias, bem se podia sofrer, mas que té nestes se não hajaõ de pôr os experimẽtados, senão os ricos, & os poderosos? que hajaõ de fazer conselheiros aos grandes, porque tem os titulos, & não aos pequenos, que tem as experiencias? Grande sem rezaõ do mundo. Não he isto o que Christo nos ensinou (depois prometi que hauia de dar a rezão, porque se aconselhou Christo com S. Phelippe, & agora me desempenho.) là vimos que naquella occasiaõ, em que Christo pedio o conselho, naõ cõsultàra a Iudas, porque era traydor, nem a Ioaõ, porque era valido; mas ainda nos ficou outro discipulo em q̃ reparar: porque naõ consultou Christo a S. Pedro, a quem tinha feito Principe da Igreja, & era o maior do Collegio Apostolico, senão a Phelippe? *Dixit ad Philippum.* De cõsultar a S. Phelippe, deu a rezaõ o Cardeal Toledo, de não consultar a darei eu: *Aliam possumus excogitare causam* (diz o Padre) *nempe Philippum fuisse in his quæ ad usum comparandum pertinebant peritiorem, & intelligentiorem*, foi S. Phelippe o consultado, porque nesta materia era o mais intelligente, & como Christo queria ensinar ao mundo cõ aquelle conselho que pedia (que nos deu em hũa só acção muitos exemplos,) naõ se aconselhou com Pedro que era o Principe da Igreja, & o maior do Apostalado, senaõ com Phelippe, que ainda que não era Principe, ainda que naõ era Grande,

Tolet hic.

de, antes em o Collegio Apoſtolico o mais humilde, era em aquella materia o mais experimentado, & pera os conſelhos naõ ſe haõ de eſcolher os que tem as dignidades, nem os que tem os titulos, porque ſaõ grandes, como era Pedro, ſenaõ os que tem as experiencias, ainda que ſejaõ pequenos, como era Phelippe, naõ ha de votar quem pòde, ha de votar quem ſabe, que não he o meſmo ſer bem afortunado, q̃ ſer bem entendido, mas gouernaſe o mundo por leys mui encontradas a eſtas: Chriſto pera nos enſinar deu o cargo de conſelheiro ao experimentado, o mundo dào ao poderoſo: pera ter os poſtos no mundo, naõ baſta o merecer muito, he neceſſario ter muito, pera ter os cargos no Ceo, naõ importa o naõ ter nada, baſta o merecer muito: *Ecce nos reliquimus omnia, & ſequuti ſumus te; quid ergo erit nobis?* Diſſe là S. Pedro a Chriſto: Senhor, nós temos deixado tudo por voſſo amor, que premio nos haueis de dar agora? Vejão o que lhe reſpondeo Chriſto: *Sedebitis, & vos ſuper ſedes duodecim judicãtes duodecim tribus Iſrael.* Heiuos de fazer Iuizes dos doze tribus de Iſrael. Pera terem os cargos baſtoulhe aos Apoſtolos o merecerem muito, naõ lhe fez mal o naõ terem nada: *Ecce nos reliquimus omnia.* Naõ ſei eu ſe teriaõ elles taõ bom deſpacho, ſe meteraõ eſte memorial nas Cortes do mundo, adonde ſó a maior grandeza he o merecimento maior. *Principes Sacerdotum.* O que grande motiuo me daua eſta materia pera diſcorrer largamente! mas pera irmos a outra noua, quero acabar eſte diſcurſo, com a ſoluçaõ de hũas palauras, que confirmaõ muito o que hiamos dizendo: Falaua Chriſto hũa hora com ſeus diſcipulos, & diſſe deſta maneira: *Pater non judicat quenquam ſed omne judicium dedit filio:* Meu Eterno Padre a ninguem julga, porque o officio de julgar, & de reſoluer as couſas a mi mo deu; mas que rezaõ hauerà pera iſto? porque julga mais o Filho que o Pay? naõ tem ambos o meſmo entendimento, a vontade naõ he em ambos a meſma? Si he, mas ſaõ as formalidades mui differẽtes, porque a formalidade do Pay he ſer poderoſo; a formalidade do Filho he ſer ſabio, & pera

Math. 16.

Ioan. cap. 5. v. 22.

Ita cõmunis Theologorũ ſchola

pera julgar, na politica bem ordenada, haõse de escolher os sabios, naõ se haõ de escolher os poderozos; julguem, & votẽ os que sabem, naõ votem nem julguem os que podem: Isto he o que se vza naquella Republica celeste a quem as Monarchias do mundo auiaõ de ter por exemplar em suas acçoẽs, isto he o que nos ensinou Christo por tantas vezes, mas não sei se foy no mundo esta doutrina bem recebida, porq̃ a não vejo muy praticada: Os grandes, os poderozos são os que tẽ os cargos, por isso os Principes dos Sacerdotes eraõ os conselheiros, porque eraõ os poderozos: *Cogitauerunt autem Principes Sacerdotum.*

§.8. *Vt, & Lazarum interficerent.* O que se tratou neste cõselho foy o dar a morte a Lazaro: mas por que delitos? (bem me lembra que dei ja hũa rezão, mas tambem me lembra q̃ prometi outra,) por que delitos queriaõ os Principes de Ierusalem tirar a Lazaro a vida? se elle jazia descançado no sepulchro, & Christo compadecido das lagrimas das irmã o quis tornar a trazer ao mundo, que culpa era em Lazaro, o viuer? nenhũa: pois porque o intentaõ matar? deu a rezaõ Maldonado: *Itaque tota res, est inuidia, inuidebant enim non solum auctori beneficij, sed etiam eis qui beneficium acceperant.* Em resoluçaõ (diz Maldonado) todos estes intentos nascẽ de inueja, não sò inuejauaõ a Christo, porque dera a vida a Lazaro, mas tambem enuejaõ a Lazaro, porque recebera a vida de Christo, enueja o mundo não sò a quem fas o fauor, senão tambem a quem o recebe: Naõ estaua mal fundada esta rezão, senão padecera esta instancia, Difficulto assi. Christo não deu tambem a vida ao filho da viuua de Naim? Si deu, pois se o mundo tem inueja a quem recebe o fauor, porq̃ não enuejarão os Iudeos a este tambem resuscitado por Christo, & fauorecido delle? Só a Lazaro tem enueja, qual sera o fundamento? Eu o direi; naõ enuejaraõ tanto o fauor que Christo fes ao filho da viuua de Naim, porque o não conheciã por fauorecido de Christo, & enuejaraõ muito o fauor q̃ fez a Lazaro (sendo ambos da mesma igualdade,) porque o conhecião por muito valido seu. *Lazarus amicus noster:* Aquel-

n.12.

Maldon. hic.

Luc. cap. 7.

Ioan 11.

lo

le fiuer era feito a hũ estranho, este fauor era feito a hũ valido, & não sey que tem os fauores que se fazẽ aos validos q̃ sẽpre forão muy enuejados: Fes Christo a S. Pedro Principe da Igreja, & liurou a S. Ioão da morte violenta na opinião dos mais Apostolos que assi entenderão elles, aquelle *sic eum volo manere*: Não repararão os discipulos naquelle fauor cõcedido a Pedro, & repararão muyto neste fauor feito a Ioão: *Exijt sermo inter fratres quia discipulus ille non moritur*. Começarão a falar, & a pergũtar entre si, porq̃ não auia de morrer Ioão. Não quero chamar a isto propriamente enueja (como alguem ja lhe chamou) senão reparo, posto que como os discipulos naõ estauaõ ainda entaõ confirmados em graça, naõ era inconueniente algũ darlhe este nome, que tambem o Euangelho dis delles, que tiueraõ entre si hũa grande contenda, sobre qual delles era mayor. *Facta est autẽ contẽtio inter eos quis eorum videretur esse maior*: indo a difficuldade. Pergunto assi: Não era mayor o fauor que Christo fes a S. Pedro dandolhe a primacia da Igreja, do que era o que fazia a S. Ioão liurandoo da morte violenta, dado que assi fosse, & que assi o quizesse dizer Christo naquelle, *sic eum volo manere*? não ha duuida: Pois porque não reparão os Apostolos, Porque os não inquieta aquelle fauor feito a Pedro na realidade, & reparaõ tãto naquelle que fes o Euangelista só na sua imaginação? Quereis ouuir com nouidade porque? Poro o fauor q̃ Christo concedeo a Pedro era fauor feito a hũ Apostolo, & o fauor que concedeo a Ioão era fauor feito a hũ valido *Discipulus ille quem diligebat Iesus*; E os fauores dos validos q̃ dos sempre inquietarão, & sẽpre se enuejaraõ muito, ainda q̃ na realidade fossem iguais, ou fossem menores, que os que o Princepe fas aos outros: Bẽ se vio em os Iudeos pera com o filho da viuua de Naim, & pera cõ Lazaro, pois sendo iguais os fauores, (que a ambos deu Christo a vida,) só o de Lazaro foy enuejado, porque só Lazaro era o valido. *Lazarus noster*: Bem se vio em os Apostolos pera com Ioão, & pera com Pedro pois sendo mayor o fauor q̃ Christo fes a S. Ioão, (se assi fora como elles o imaginauaõ,) liurandoo da morte

Mat 16. Ioan. 21. Ioan. 21. Luc. 22. Ioan 21.

tepor violencia, do que foi o q̃ fes a Pedro dãdolhe da Igreja a primacia, só no fauor do Euangelista repararaõ, porque entre todos os discipulos o Euangelista era o mais valido, & o mais amado. *Discipulus ille quem diligebat Iesus.*

29 De sorte que té os discipulos de Christo, com andaré ao lado repararão em o fauor feito a S. Ioão, naõ reparando em o fauor concedido a S. Pedro, porque S. Pedro era Apostolo como os outros, & S. Ioão era mais que os outros validos: Mas os Iudeos passarão muito auante, pera com Lazaro, porque não só repararão em Christo lhe dar a vida, mas tãbem trataraõ de lhe dar a morte, porque lhe tinhaõ enueja: *Cogitauerunt autem Principes Sacerdotum vt, & Lazarum interficerent, inuidebant enim non solum auctori beneficij sed etiam eis qui beneficium acceperant*: Viose Lazaro arriscado, logo que se vio fauorecido: Hora eu quando posso, & quando a rezaõ o pede, trato sempre de apontar o fundamento da solução que dei a duuida que propus: Dice que os fauores dos validos ainda que fossem iguais, ou menores que aquelles, q̃ os Principes costumão fazer a s outros, que eraõ sempre enuejados, agora pregunto de nouo a cauza disto? Qual sera a causa, porque os fauores que os Principes fazem aos validos são sempre enuejados, se saõ muitas vezes iguais, ou saõ menores., que aquelles que faz aos outros & podera ser q̃ aquelles mesmos que os enuejaõ? Se o fauor que o Principe fas ao seu valido he igual, & podera ser que muytas vezes menor que aquelle que me fas a mi, porque lhe ei eu de ter enueja? A rezam eu a darei, & he esta se me naõ engano; porque o fauor que o principe me fas a mi, sempre em si he mais do que me parece, & o fauor que fas ao valido, sempre me parece mais do que he: Eu explico mais, façame o principe hũ fauor que na realidade seja tudo, a mi ha me de parecer nada: Faça ao valido hũ fauor que na substancia seja nada a mi ha me de parecer tudo, en tão por isso o enuejo: E isso porque? (ainda não fechamos o pensamento) porque se diminuem tanto em os meus olhos os fauores que se me fazem a mi. E crecem tanto os que ao valido se fazem? o porque eu direi:

n. 13.

per-

porque as couzas diminuemse muito em os olhos da affeição, quando saõ emfauor do que se ama, & auultaõ muito nos olhos do odio quando saõ em fauor do que se aborrece, & como eu me amo muito a mi, ainda que o Principe no fauor, & na merce que me fas na realidade me dé tudo, a mi ha me de parecer nada, & como os validos se aborrecem muito no mundo, que assi o dice discretamente Seneca, ainda que o fauor em si seja nada a mi ha me de parecer tudo: Daqui nasce logo o serem tão enuejados os fauores dos validos. Que as cousas auulté muito nos olhos do odio quando saõ em fauor do que se aborrece, mostro agora, (porque se senão diga que he esta rezão liuremente dada) então depois mostrarei o como se diminuem em os olhos da affeição, quando são em fauor do que se ama: E pera o mostrar com euidencia, não quero mais que duas palauras do mesmo capitulo de que a Igreja tirou este Euangelho. Depois que Christo resuscitou a Lazaro algũs Iudeos que se acharaõ presentes a esta marauilha começaraõ a seguilo, & a confessar publicamente que elle era o Messias auia tantos seculos esperado, & por tam repetidos oraculos prometido. Assi o dis S. Ioaõ. *Multi propter illum abibant ex Iudæis, & credebant in Iesum*, vendo isto os grandes de Ierusalem romperaõ nestas palauras notaueis: *Ecce totus mundus post eum abijt*: Pois que naõ matamos a este homẽ, que jà todo o mundo se vai tras delle, notem que não diceraõ que todo mundo siguiria a Christo de futuro, senão que ja o seguia de prezente *post eum abijt*; pera nos dar mayor rezaõ de duuidar. Pois se atè então não tinhaõ assistiguido a Christo mais que aquelles Iudeos que tinhaõ assistido a resurreiçaõ de Lazaro, & algũs que o vitaõ resuscitado, como dizem os grandes de Ierusalem que seguia a Christo ja o mundo todo? Quatro Iudeos saõ todo o mundo? Hora eu darei a rezaõ de quatro Iudeos que seguião a Christo, parecerem o mundo todo aos Iudeos, & he esta; como os Iudeos aborrecião muito a Christo, & o seguiremno era hũa acçaõ em muyto fauor de Christo, aquelles poucos que o seguiaõ em os olhos do odio dos Iudeos auultauão o mundo todo:

Senec. de breuit. vit. cap. 18.

Ioan. 11

Ioan. 12

tódo: *Ecce totus mundus post eum abijt*, Parecia em os olhos de seu odio hũa quantidade grande, aquelle número limitado, & aquelle concurso breue, porque auultaõ muito as couzas nos olhos do odio quando saõ em fauor do que se aborrece, assi como se diminuem muito nos olhos da affeiçaõ quãdo saõ em fauor do q̃ se ama. Fes Deos a Abram *Gene. 15.* aquelle fauor taõ singular, qual foi o de fazerse seu protector, & tomar a sua conta o cuidado de seu remedio, & de sua conseruaçam: *Ego protector tuus sum, & merces tua magna nimis.* Contudo sendo este fauor tão singular, sendo esta merçe taõ grandiosa, naõ se deu Abraham por satisfeito com ella, & replicando dis a Deos desta maneira. *Domine Deus quid dabis mihi?* E bem Senhor, que premio me aueis vós de dar pellos seruiços q̃ vos tenho feito? Notauel pregunta por certo! Taõ pouco he hũa protecçaõ de Deos & hũ premio liurado em seu mesmo ser, que ainda acha Abraham que tem que pedir mais, depois de Deos lhe prometer tanto? Ainda pede, ainda deseja mais Abraham depois de hũ premio tam grande, depois de hũa satisfaçaõ taõ grandiosa. *Domine Deus quid dabis mihi?* Que tem Deos q̃ dar fora de si? nenhũa cousa: Pois se Deos dandose a si a Abraham por protector lhe naõ ficaua mais que dar: porque lhe pede ainda Abraham mais a Deos, depois de Deos ter dado tudo a Abraham? Porque como Abraham se amaua muito a si, diminuiase tanto em os olhos da affeiçaõ propria aquelle fauor de Deos taõ singular, que dandolhe, nelle tudo, pareciálhe a Abraham que lhe naõ daua nada, que assi como aos olhos do odio se representa tudo aquillo que he nada, assi tambem aos olhos da affeiçaõ se representa nada aquillo que he tudo, por isso Abraham depois de Deos lhe dar tudo em a sua protecção como se lhe naõ dera nada por premio, lhe pedio de nouo fauores. *Domine Deus quid dabis mihi?* Esta he a condiçaõ dos olhos humanos que crecem nelles, & se diminuem as cousas conforme os affectos interiores, se se aborrece, o nada parece tudo: se se ama, o tudo parece nada: *Lachrimis cæpit rigare pedes eius:* dice S. Luças da Magdalena que cõas lagrimas de seus olhos *Luc. cap. 7.*

 come-

começara a lauar os pes a Christo. Naõ dicera milhor que lhos lauara se na realidade assi foy, senaõ sò que começara a lauarlos? *Cæpit.* Hora ami me parece q̃ falou o Euãgelista daquellas lagrimas não conforme o que eraõ pera os pés de Christo, senão conforme o que pareciaõ aos olhos da Madalena: pera os pés de Christo, verdade que eraõ diluuios de lagrimas, a que o Euangelista chamaua principios de chorar, mas pera os olhos da Magdalena, porque amaua, *Dilexit multum,* pareciaõ so principios de chorar, o que na realidade eraõ diluuios de lagrimas: *Cæpit rigare*: diminuamse muitos em os olhos de sua affeiçaõ, todas aquellas finezas offerecidas a Christo, porque se diminuem muyto as mayores finezas em os olhos de hũa affeição. E se aquella he a propriedade do odio, & esta a cõdição do amor, bem se deixa ver a causa porque os fauores que os Princepes fazem aos outros sempre sam mais do que lhe parecem, & os fauores que fazem aos validos sempre lhe parecẽ mais do q̃ saõ: E como parecem sempre maiores, por isso saõ ordinariamente enuejados: por isso tambẽ sofre o mundo tão mal o ver os validos com fauores, que logo os enueja porque os aborrece, & trata de os matar, porque os enueja. *Cogitauerunt autem Principes Sacerdotum vt, & Lazarum interficerent, inuidebant enim non solum auctori beneficij sed etiã eis qui beneficium acceperant.*

Luc. cap. 7

n. 13.

§ 10 E se Lazaro sendo fauorecido de Christo se vio com seus fauores ariscado, como poderaõ aquelles a quẽ os Principes do mundo tem por validos estar com seus fauores seguros? Daqui veio a dizer o outro politico discretamente, porque nem hum Principe auia de singularizar sua affeição, porque alem de fazer hũ amor que ha de ser commũ, põe em muito grande risco aquelle que ama com particularidade: *Quo quisque propinquior est regi, eo propinquior est patibulo:* & os Principes naõ haõ de arriscar, haõ de conseruar os vassalos. Qual foy a causa que Caim teue pera matar a seu irmão Abel tão injustamente? nenhũa outra senão o por Deos os olhos em Abel, não os pôdo em Caim: *Respexit Deus, ad Caim autem non respexit*; E o mesmo foy ser Abel visto de Deos com

Guillelm Berchal. lib. 6. contra Monarch. cap 4.

com algũa particularidade, que tratar logo Caim de lhe tirar a vida. Taõ grosseiro, & taõ enuejoso he este elemento em que viuemos, que nem aos validos de Deos perdoa: E se isto assi passa em os validos do Ceo, como poderaõ estar seguros, os validos da terra? & naõ sò deuẽ os Principes naõ particularizar seu amor, & seus fauores, pello que deuẽ aos vassallos, senaõ tambem pello que se deuem a si. Ser Rey he ter o fficio: & se a quem tem cargo naõ he licito conhecer nẽ ainda o parentesco, como poderà conhecer validos? *Mulier ecce filius tuus*, dice la aquelle supremo Rey Christo Iesu, a N. Senhora quando lhe quis entregar a S Ioão, molher ahi tens o teu filho, naõ lhe chamou may, senaõ molher: & porque lhe chamou desta maneira? porque lhe tinhão dado o titulo de Rey àquella hora: *Iesus Nazarenus Rex Iudæorum*: E o Rey naõ ha de conhecer nẽ ainda o parentesco mais apertado: mal podera logo conhecer valido: esta he pois a obrigaçaõ mais principal de hũ Principe Soberano fazer seus fauores commũs não os particuralizar a ninguem: nunqua Christo quis no dezerto aceitar o titulo de Rey, senão na Cruz: porque no dezerto fazia fauores a alguũs; & na Cruz faziaos a todos, que a todos resgataua a custa de seu sangue, & sò então quis que lhe chamassem Rey quando o era & quãdo o parecia; se assi o fizerem os Principes do mundo cumpriraõ cabalmente com o que deuẽ a si, & aos vassallos, a si por amor da obrigação, & aos vassallos por amor do risco, pois sofrer tão mal o mundo o ver aos validos com fauores, que logo os enueja, porque os aborrece, & trata de os destruir porque os inueja: senão seja bom exemplo Lazaro. *Cogitauerunt au em Principes Sacerdotum vt & Lazarum interficerent, inuidebant enim non solum auctori beneficium acceparant.* De enuejosos intentaraõ os grãdes de Ierusalem matar a Lazaro, mas naõ chegaraõ a conseguir o que intentaraõ: porque? ja dei hũa rezão que segui largamente, agora darei outra tocada com toda a breuidade, de grãde aluitre pera Portugal: torno a pregũtar assi, se os que trataraõ de dar a Lazaro a morte eraõ os grãdes, eraõ os poderosos de Ierusalem, porque o naõ executaõ?

Ian. 19.

Mat. 29

Ioan. 6

Por

Porque não morre Lazaro? Porque foi prouidencia de Christo que Lazaro naõ morresse: resuscitou Christo a Lazaro depois quatro dias de sepultura pois naõ ha Lazaro de morrer: auera em Ierusalem conselhos pera o matar, farseão juntas, buscarseão traças, mas não hão de chegar a execuçoẽs: Resuscitou Christo a Portugal depois de sesenta annos de sepultura, ou de catiueiro que o mesmo vem a ser, com tantos prodigios, pois ainda que se ajuntem em conselhos, ainda q̃ se fação em Castella juntas, ainda que se inuentem traças pera o destruir, nenhũa se ha de executar, auera intentos, pera execuçoens, mas não haõ de chegar nunqua a execuçoẽs esses intentos, porque he rezão de estado muito ordinaria em Deos conseruar as obras de sua mão omnipotente, & sustentar aquelles a quem libertou, & a quem deu vida. Libertou Deos com tantos prodigios como sabem todos os filhos de Israel catiuos no Egypto, & libertouos por afflitos, com tudo depois porque peccarão no deserto quis castigallos por ingratos: porem Moyses que ainda que era valido de Deos trataua mais dos outros que de si, fineza que so se achou neste valido, & por isso foy amado de Deos, & mais dos homẽs, porẽ Moyses (digo) tomou a sua conta aplacar os rigores da Diuina justiça tão justamente offendida, & pera conseguir este effeito dice a Deos estas palauras *Cur Domine irascitur furor tuus contra populum tuum, quem eduxisti de terra Ægypti?* E bem Senhor vos quereis destruir este pouo? não vedes que o libertastes do Egypto, Notauel modo de negocear o perdam por certo! de sorte que poẽ Moyses diante dos olhos de Deos pera não destruir os filhos de Israel o beneficio que receberão de suas mãos omnipotentes, antes pera soliciţar o perdam parece que lhe auia de escõ leto fauor, representalhe a liberdade q̃ lhe deu, pera Deos suspender o castigo cõ q̃ os ameaça, rã parece bõ modo de negocear, mas si he mui acertado modo se mui descursada a resolução de Moyses. Hora notẽ vio Moyses, q̃ estaua Deos resoluto a destruir os filhos de Israel, vio tã bem que era rezão de estado em Deos conseruar aquẽ libertasse.

Exod. cap 32.

tara, por isso pera lhe euitar a ruina com que os ameaça lhe poem Deos diante dos olhos a liberdade que lhe dera. *Populum quem eduxisti*: Pera que os não destruisse, lembroulhe que os libertara, & assi foy, porque logo se aplacou a ira de Deos, & ficou sem castigo o pouo: *Placatusque est Dominus Deus, ne faceret malum, quod locutus fuerat aduersus populum suum*, & se esta rezaõ de estado em Deos pode tanto com elle que preualeceo contra o seu mesmo poder sendo infinito, como não preualecera contra o poder humano que he limitado? Por isso Lazaro naõ morre, por isso Portugal se conserua, & se ha de conseruar a pezar de seus inimigos.

Exod. ibidem,

§ 11 Porem he necessario aduertir que nos não auemos de confiar indiscretamẽte nestas seguranças pera viuermos descuidados, antes então auemos de andar mais cuidadozos, quando nos consideramos mais seguros, porque muitas vezes dana mais a presunção de hũa segurança, que o ameaço de hũ perigo: Sempre a moderada cautela, ainda que pareça temor foy discrição, & a demaziada confiança ainda que pareça valentia foy temeridade: & Deos antes nos quer temerosos, que temerarios: Não nos fiemos logo cegamente em estar taõ seguros como estamos, pera deixar de viuer mais acautelados do que viuemos, porque não se pode fiar seguramente, naõ se pode fazer confiança certa, nẽ nas ditas nẽ nas infelicidades humanas, que não tem mais firmeza, q̃ em serem varias. Dos braços de seu pay Iacob saio Ioseph pera o catiueiro do Egypto, do catiueiro do Egypto pera a priuança de Puthipar, da priuança pera o carcere, & do carcere pera o gouerno? Quem ajuntara tão contrapostos sucessos? quem vnira taõ encontradas sortes? quem dicera que a tanta ventura auia de succeder tanta desgraça, & que a tanta desgraça auia de succeder tanta ventura? Que sendo Ioseph o mimo de Iacob auia de vir a ser catiuo no Egypto, que de catiuo auia de passar a priuado, de priuado a prezo & de prezo a Visorey; saõ bẽs, & males do mundo nem os bẽs duraõ, nẽ permanecem os males, succedem hũs a outros, como as sombras da nouite os resplandores do dia: E se de pessoas particula-

n. 15.

Genezis 37.

Genezis. 39.

Genezis. 41.

res

res passamos a Reynos enteiros acharemos o mesmo: Quátos Principes se aclamaraõ hontem gloriosamente victoriosos, que hoje se lamentaraõ lastimosamente vencidos? E de quantos se chorou hoje o destroço de que amenhã se festejara o triumpho? Quantas Monarchias floreceraõ com tãa ventura, que se prometeraõ fazer soar o estrondo de suas armas, & o ecco de suas victorias té donde o Sol estẽde a grãdeza de seus resplandores, & dilatar seu Imperio, desdonde nace tè donde morre o dia, quantas ouue destas no mundo, que depois vierão a ser exemplo da miseria, & o estremo da desgraça, & quantas se deraõ ja por acabadas, que se leuantarão felices, & floreçeraõ triumphantes? Não me canço em repetir exemplos de que o mundo todo està cheó, porque estiuera a prégar eternamente. Pois, se são taõ pouco permanẽtes, se saõ como isto taõ pouco firmes as venturas, & as desgraças humanas, naõ he indiscriçaõ, naõ he cegueira grande querer fundar nossas esperanças em aquillo q̃ he mais inconstante que o vento vario, & mais mudauel que a mesma mudança? Quem o poderà negar? E ainda que Deos nos assista, (que he o que se pede responder) ainda que Deos nos assista com (que he o que se pode responder) ainda que Deos nos assista con tantos prodigios como cada hora vemos, ainda que se mostre tanto da nossa parte, ainda que fauoreça a nossa causa tanto, nem por isso deixemos de temer, nem por isso deixemos de nos acautelar, não nos faça descuidados de nossa conseruaçaõ o ver a Deos tão cuidadoso della, porque sera lastima grande, que achemos a nossa ruina nos mesmos meios de nosso remedio: não deixemos tudo a Deos, porque ainda que tem forças infinitas, & braços omnipotentes, regularmente falando, não costuma obrar sem as causas segundas, & se hoje fes hum milagre pera libertarnos, nem por isso fara outro amenhã, pera defendernos: Grandes prodigios fes Deos pera libertar aos filhos de Israel (tambem pouo mimoso seu) do poder de Pharao, comtudo quando depois ouuerão de morrer no dezerto, pera os liurar da morte não fes prodigios, que não he o mesmo libertarnos Deos prodigiosamente

Exod. cap. 7. 8. 9. & 10.

R. 15.

lamente hoje, que conseruarnos amenhá prodigiosamente: a liberdade que nos dà quer que corra por sua conta, mas a cõseruaçaõ que hauemos mister, quer que corra pella sua. & pella nossa: Viuamos pois muito vigilantes, viuamos muito vnidos, que logo estaremos seguros, porque a vigilãcia, & a vniaõ saõ os dous Polos sobre q̃ se funda mais seguramente a felicidade dos Imperios, & a conseruaçaõ das monarchias: Nenhũa cousa aruina os Reynos, senaõ o naõ viuerem acautelados, nenhũa cousa os destrue, senaõ o naõ viuerem vnidos: o descuido he a sua enfermidade, & a desuniáo he a sua morte: hũ Reyno descuidado, he hũ Reyno desunido, he hũ Reyno morto. Como a vniaõ, & a diuisaõ saõ duas formalidades tão oppostas. & dous accidentes taõ contrarios, claro està que o que cõ hũ se conserua, que cõ o outro se acaba? bem poderà conseruarse vnida a parte que viuia apartada, mas não pode viuer apartado o todo que se cõserua vnido: logo como a vnião he a alma das monarchias, como a vniaõ he a vida das Respublicas, fzcil fica de entender que hũ Reyno vnido he hũ Reyno viuo, & hũ Reynò diuidido, he hũ Reyno morto, he politica esta não menos que do Rey dos Reys Christo S.N. *Omne Regnum in se diuisum desolabitur*, dice elle hũa hora aos Iudeos, se hũ Reyno se chegar a diuidir he impossiuel, q̃ naõ se chegue a acabar. He hũa monarchia hũ todo mistico adonde o Rey he a alma, & os Vassalos o corpo; & assi como a vida, & o ser do todo naõ consiste mais que na vniaõ das partes, assi a vida, & ser de hũ Reyno entanto dura, em quáto os vassallos estão vnidos ao Rey, & o Rey está vnido aos Vassallos: Vassallos sẽ Rey he hũ corpo sẽ alma, Rey sem vassallos he huma alma sem corpo Vnãse pois; Vnaõse pois as partes, que logo se conseruara o todo. A vniaõ he a que principalmente conserua as monarchias, & a diuisão he a que ordinariamente as acaba, porque a vnião dà forças, & a diuisaõ tirà as: Hũ Reyno vnido pode rezistir a Imperios: Imperios diuididos naõ podem rezistir a hũ Reyno: poucos vnidos venceraõ jà grandes exercitos. Eu nesta materia de vniaõ naõ tenho que reprehender em Portugal, muito q̃ louuar sim, porq̃ no

Luc. 11.

no particular de amãte, & vnido ao seu Rey, pode dar enueja, & seruir de exẽplo a todas as monarchias do mundo: so lhe quizera aduertir pello que vejo commumẽte praticar, q̃ não he bastante estar vnido ao Rey nas occasioẽs de descanço, se naõ tambem nas ocasioẽs do aperto, antes quãdo este for mais vrgente, então ha de ser a vnião mais apertada, porque se a diuizaõ acaba hũ Reyno na paz, mais facilmente o acabara em guerra. Quero dizer que não só se ha de asistir ao Rey, quando está no paço, hase tambem de acompanhar ao Rey quando esta ẽ cãpo, no paço naõ lhe he necessario ao Principe, que todos os vassallos lhe asistaõ, mas posto em cãpo o monarcha, he diuida que todos os vassallos o acõpanhẽ, por dous fundamentos muy cõformes a toda a rezaõ de boa politica, porque se o Rey sae a campo por amor de nos, porque não auemos nos de sair a campo por amor do Rey? nam sei com que titulo ficaõ os vassallos na paz, quando o Principe sae a guerra: Esta he a primeira rezaõ, a segunda seja por q̃ naõ he obrigaçaõ do vassallo asistir ao Rey nas occaziões do descanso, mais he diuida do vassallo assistir ao Rey nas ococasiẽs da afflição, quando o Principe se diuerte; quãdo o Principe descança naõ he necessario, antes he impossiuel q̃ todos os vassallos com ellẽ descancem mas quando padece he necessario, antes he obrigação, que todos os vassallos com

Luc. 21.

elle padeção: Aos vltimos rigores com que Christo ameaçou o mundo disse elle; que auião de preceder grandes sinais, no Sol, na Lua, & nas estrella: *Erunt signa in Sole, Luna, & Stellis*: Bem sei que dizem todos que ha de mandar Christo aos homens tam anticipados sinais, porque como foge muito de castigarnos, quer que o auiso nos faça temerosos, & que o temor nos faça arrependidos: mas naõ he isto o em que eu queria reparar, que pondero, & o em que reparo muito, he em q̃ sejaõ estes sinais no Sol, na Lua, & nas estrellas! naõ bastaua que apparecessẽ sò no Sol, pera atemorizar o mũdo? Si por certo: & o q̃ aperta mais a difficuldade he, naõ se vẽdo as Estrellas jũtamente cõ o Sol, nesta ocasião apareça o Sol juntamẽte, & as estrellas: *Erũt signa in Sole, Luna, & stellis*

Todos

Todos sabem que a vida do Sol he a morte das estrellas, o mesmo he aparecer este Planeta luminoso, q̃ desaparecerem ainda os Astros mais luzidos, cada dia o vemos, cada dia o experimentamos. Pois se por ordem da natureza pera aparecerem as Estrellas he necessario q̃ se auzẽte o Sol, porq̃ só no dia vltimo do mundo, se ha de dispensar com esta lei, porque háo de aparecer o Sol, & as estrellas juntamente? sera isto por ventura premissão algũa do Sol? não he premissaõ do Sol, he obrigaçam das estrellas: Como o Sol he o Principe dos Astros, como o Sol he o Monarcha de toda essa Republica luzida, não importa nada (antes he impossiuel) q̃ as Estrellas luzaõ, quãdo elle luz, mas importa muito, (antes he necessario) q̃ ellas padeçaõ, quãdo o Sol padece: naõ estão obrigadas as Estrellas assistir luzidas ao Sol quando luzido, mas estam obrigadas a asistir eclipsadas ao Sol quando eclipsado; Padece eclipses o seu Principe, pois padeçam eclipses os Astros, por isso se vera o Sol no dia do Iuizo asistido de Estrellas eclipsadas, porque apparecerà eclipsado, nam se vendo nos outros dias assistido de Estrellas luzidas, porque apparece luzido. Imite pois a politica humana esta politica Celeste, quando o seu Principe descança, quando o seu Principe se diuerte, & finalmente quando busca as occasioens de aliuio, (que assi he Rey, que tambem he homem) basta que os vassallos estejam vnidos a elle, & que lhe assistam com as vontades, mas quando he necessario sair a campanha, quando he necessario padecer na guerra he tãbẽ necessario vnirense, & assistirẽlhe cõ as võtades, & cõ as pessoas não estão obrigados, a descãçar quãdo elle descãça, mas estaõ obrigados a padecer quãdo elle padece. Iá eu dice q̃ o Rey era a alma de hũ Reyno, & q̃ os vassallos eraõ o corpo: Supposto isto q̃ẽ naõ sabe, q̃ bẽ pode gozar aliuios a alma sẽ q̃ delles participe o corpo, mas q̃ naõ pode deixar de padecer penas o corpo hũa vez q̃ as padece a alma? Se assi o fizerem sẽpre os Portuguezes como fazẽ, & eu cõfio q̃ haõ de fazer sẽpre: se andarẽ muito vigilãtes em suas obrigaçoẽs, & virẽ ẽ muito vnidos ao seu Reyno cõ as vontades, & com as pessoas, com as võtades

 na paz;

pas, comas pessoas, & com as vontades na guerra, alcançaraõ grandes venturas, & o Reyno se conseruara por muitos seculos, felices no desempenho de nossas esperanças, felices nos successos de nossas armas, na restaurançam de nossas conquistas, & na conseruaçam de nossa felicidade, que assi o estam prometendo as Prophecias, assi o estam confirmando estes venturosos principios, & finalmente felices na reformaçaõ dos costumes, no aumento da fè Catholica, no zelo do nome Christaõ por meyo da Graça, que he certo penhor da Gloria. *Adquam nos perducat Dominus omnipotens, Pater, Filius, & Spirictus Sanctus Amen.*

FINIS LAVS DEO.